

# Serra abaixo

**LAVA JATO** O senador tucano volta a ser alvejado por uma operação, desta vez por supostos crimes eleitorais

POR THAIS REIS OLIVEIRA

**D**ezoito dias depois da operação que devassou sua casa em São Paulo e colocou sua filha Verônica no centro de suspeitas de lavagem de dinheiro, o tucano José Serra tem a Lava Jato novamente no seu encaixo. Na terça-feira 21, a Polícia Federal e o Ministério Público Eleitoral deflagraram uma segunda operação, desta vez para apurar suspeitas de caixa 2. Foram esquadrihados a casa e apartamentos do senador em São Paulo e Brasília. Os policiais também bateram à porta de seu gabinete no Senado, mas o presidente da casa, Davi Alcolumbre, apelou ao ministro do Supremo José Dias Toffoli e conseguiu impedir a revista. No mesmo dia foi preso José Seripieri Júnior, fundador da Qualicorp, uma das maiores operadoras de planos de saúde do País. Júnior, como é conhecido, teria repassado 5 milhões de reais à campanha de Serra ao Senado em 2014. Além do fundador da Qualicorp, os policiais detiveram três empresários acusados de operar o esquema: Arthur Azevedo Filho, Mino Mazzamati e Rosa Maria Garcia. A Justiça bloqueou ainda 5 milhões de reais em bens dos investigados.

O caminho do caixa 2 foi delatado por Elon Gomes de Almeida, ex-diretor da Qualicorp. Segundo o executivo, os 5 milhões foram repassados a empresas ligadas a Serra em três remessas por meio de, em suas palavras, “uma complexa engenharia

societária e financeira”: 3 milhões por meio da LRC, 1 milhão via Ov3G e outro milhão pela Ultra Print Impressora. Tudo maquiado com notas frias. Em 2014, a LRC doou oficialmente 50 mil reais à campanha do tucano. Seu então presidente, Luís Roberto Coutinho Nogueira, ofereceu mais 50 mil. Os valores da empresa e do empresário foram transferidos no mesmo dia, 18 de julho. Nogueira morreu em novembro daquele ano.

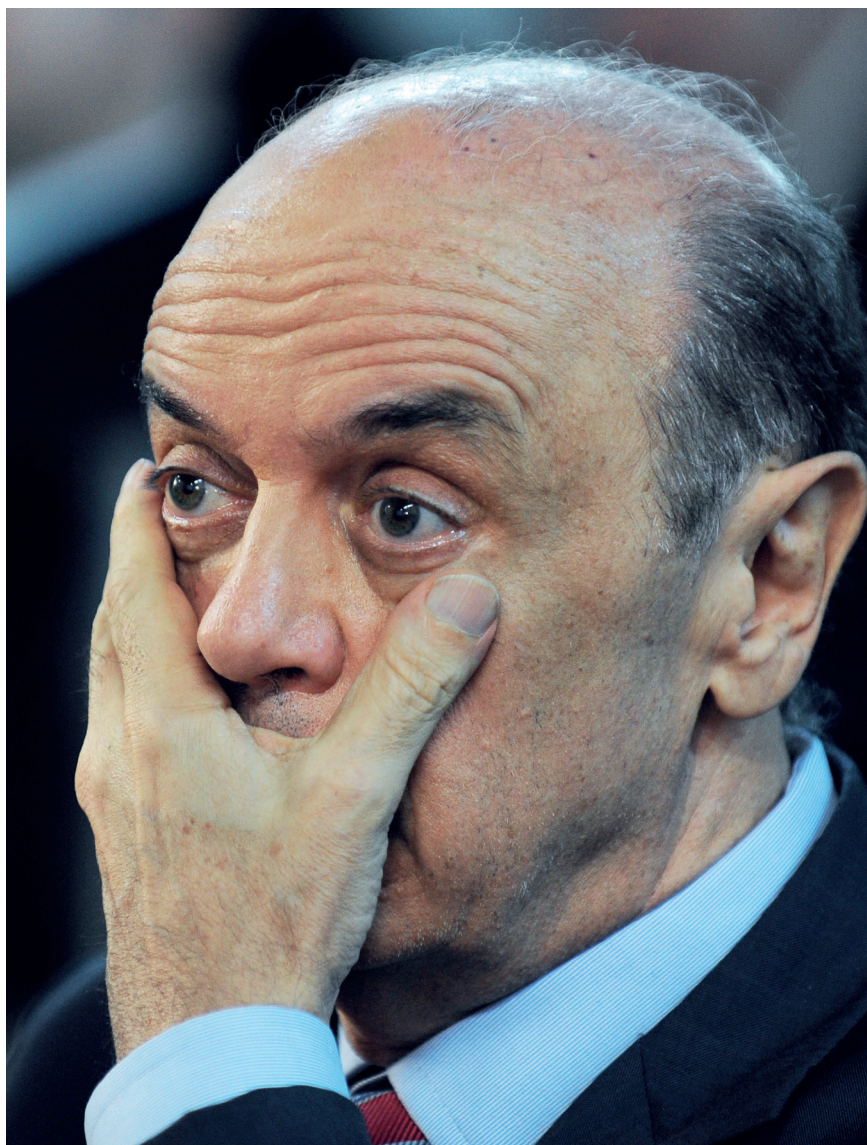
O delegado responsável pela investigação, Milton Fornazari Júnior, afirmou em coletiva que Serra e Seripieri Júnior estão “no topo de uma cadeia criminosa” de caixa 2. O fundador da Qualicorp



**Relações.** Júnior trafega pela política

é considerado essencial para os próximos passos da Lava Jato paulista, pois uma eventual delação sua teria potencial de abrir novas frentes de investigação, em especial contra o PSDB, que há décadas governa o estado. Sua proximidade com a política não é nova. Em 2014, sua festa de casamento contou com a presença de Geraldo Alckmin, José Serra e Gilberto Kassab, além dos ex-presidentes Dilma Rousseff e Lula. Era num helicóptero do empresário que voava Thomaz, o filho caçula de Geraldo Alckmin morto em 2015. Em 2009, no governo petista, o ex-CEO da Qualicorp Maurício Ceschin ganhou um cargo na Agência Nacional de Saúde Suplementar e chegou, em 2011, à presidência. Até hoje, a ANS não conseguiu regular o reajuste anual dos planos de saúde coletivos, principal produto da Qualicorp.

**A operação mais** recente não guarda relação com a investigação do início do mês, quando Serra e Verônica foram denunciados por lavagem de dinheiro. Entre 2006 e 2007, segundo executivos delatores da Odebrecht, o tucano teria usado a influência política para amealhar dinheiro da empreiteira. Foram repassados, aponta o Ministério Público Federal, cerca de 4,5 milhões de reais a Serra, nos períodos em que ocupou os cargos de prefeito e governador de São Paulo. Ainda de acordo com a denúncia, outros 23 milhões de reais teriam sido pagos entre 2009 e 2010 em troca da liberação de créditos da construtora via Dersa, estatal paulista extinta no ano passado. As investigações apontam que o senador, codinome “Vizinho” nas planilhas de pagamento de propina da Odebrecht, teria recebido ao todo 191,6 milhões em valores atualizados. A quantia era depositada na Suíça por meio de uma *offshore*. A denúncia só saiu do papel três anos e meio depois da delação. Durante dois anos, Serra tentou impedir na Justiça que extratos de contas



ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS E VANDERLEI DE ALMEIDA/AFP

da Suíça fossem remetidos ao Brasil. Chama atenção que as suspeitas contra o tucano só tenham desaguado agora, após o eterno presidenciável ter se convertido em um zumbi político. O senador não é o único peessedebista cercado pela Justiça. Na quinta-feira 23, o ex-governador Geraldo Alckmin foi denunciado pelo Ministério Público de São Paulo por falsidade ideológica eleitoral, corrupção passiva e lavagem de dinheiro. E acusado de receber mais de 11 milhões em dinheiro não contabilizado da Odebrecht. Conforme a denúncia, 2 milhões para a campanha ao

### Na mesma ação, os federais prenderam José Seripieri Júnior, fundador da Qualicorp

**Triste desfecho.** Convertido de eterno presidenciável em zumbi político, o tucano perdeu a proteção

governo paulista em 2010 e mais 9,3 milhões em 2014, quando Alckmin disputou a reeleição. Para os procuradores, a Odebrecht fez pagamentos e não doações, pois participou do consórcio para a construção da Linha 6-Laranja do Metrô e porque controla a concessionária que administra a Rodovia Dom Pedro I. Os casos paulistas têm recebido a cãndida alcunha de “Lava Jato Eleitoral”.

Bolsonaristas atribuem a ofensiva à queda de Sérgio Moro: ao longo da operação, o ex-juiz, ex-ministro e ex-herói nacional nunca escondeu sua simpatia pelo PSDB. Advogados que acompanham a Lava Jato veem sentido na tese. “O Serra sempre foi protegido por essa turma. Há uma lista de deputados tucanos que foi esquecida pela força-tarefa de Curitiba”, disse um deles reservadamente a *CartaCapital*. Com ou sem Moro, as novidades sobre os velhos tucanos pesam sobre o futuro da sigla, agora totalmente à mercê de João Doria. Em relação a Alckmin e Serra, o governador de São Paulo cumpriu o *script*, defendeu que as investigações continuassem, mas presumiu a inocência dos correligionários. Bastaram duas eleições para que o aventureiro rejeitado fincasse bandeira no ninho. A reputação enlameada de velhos símbolos do partido põe em xeque, no entanto, o corolário de “faxina ética” do governador e atrapalha seus planos presidenciais para 2022. Aécio Neves, Beto Richa e Marconi Perillo, outros acusados de corrupção e outrora ameaçados de expulsão, seguem nos quadros da legenda. Integrantes do PSDB não cogitam, porém, uma desfiliação de Doria. O motivo é simples: não há outra canoa disponível no mar eleitoral. •

